

## Obituário - Frieda Wolff, historiadora, aos 96 anos

Historiadora era sócia-emérita do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

**Israel Blajberg \***

Aos 96 anos, Dona Frieda Wolff faleceu no sábado 17 de maio de 2008 no União - Lar da Amizade da Associação Beneficente Israelita, onde residia. Recentemente, a historiadora fora indicada pelo Professor Arno Wheling, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), para integrar seu Conselho Consultivo, pela Portaria n. 14/08, de 9 de janeiro de 2008.

Logo após a ascensão do nazismo na Alemanha, Da. Frieda e seu marido Egon (1910-1981), diplomados pela Universidade de Berlim e recém-casados, pressentiram que anos negros estavam por vir.

Tangidos pela esperança, aportaram em Santos aos 12 de fevereiro de 1936. Mais tarde mudaram-se para o Rio.

Uma curiosidade inata sobre o país que os acolhera e as origens de seus correligionários transformou-os em incansáveis pesquisadores, viajando pelo Brasil afora em busca de cemitérios, arquivos, bibliotecas e fontes onde levantaram informações preciosas sobre a história e a genealogia nacional, destacando-se a vertente judaica.

Este trabalho minucioso desde meados da década de 1960 permitiu o resgate de importantes elementos relativos à presença judaica desde o Brasil Colônia.

De 1975 a 1996 o casal publicou 44 livros, valiosas obras de consulta indispensável para estudiosos da história da imigração judaica no Brasil, como *Quantos judeus estiveram no Brasil holandês*, *Breve Histórico da Sociedade Cemitério Israelita de São Paulo*, *Campos- Ascensão e Declínio de uma Coletividade*, *Pérolas de um Povo*, *Sepulturas de Israelitas* (em 5 volumes), *Judeus no Brasil Imperial*, *Judeus nos Primórdios do Brasil República* e outros.

Em razão deste importante trabalho, e apesar de considerarem-se amadores, Egon e Frieda foram convidados a se tornarem sócios do IHGB. Dona Frieda era Sócia Emérita do IHGB, admitida em 2 de outubro de 1985. Seu último livro, "Remexendo nosso arquivo", publicado em 2004, traz uma quase súplica bem característica do carinho e meticulosidade tipicamente germânica com que o Casal Wolff se incumbiu de uma verdadeira missão:

"Por favor, não joguem nada no lixo que possa servir como documento para a memória de acontecimentos, da história, nas nossas comunidades! Lembrem que o Museu Judaico do Rio de Janeiro e o Arquivo Histórico Judaico Brasileiro em São Paulo (e suas seções em Manaus, Belém, Recife, Salvador, Belo Horizonte, Curitiba, Brasília, Rio de Janeiro e Porto Alegre) estão prontos para receber e guardar todo este "papel velho" para o resgate da memória das comunidades israelitas do Brasil."

Pouco antes de Egon Wolff falecer o casal sugeriu a Luiz Benyosef, pesquisador - titular do ON, que fosse a Vassouras examinar um terreno vazio nos fundos da Santa Casa, atual Asilo Barão do Amparo, onde estavam sepultados dois judeus falecidos em meados do século XIX.

Com apoio da Prefeitura e diversos entusiastas entre os quais os saudosos paisagista Burle Marx, que elaborou o projeto, e o General Professor Severino Sombra de Albuquerque, então presidente da Fundação Universitária Severino Sombra, foi erguido o Memorial Judaico de Vassouras onde repousam Morluf Levy e Benjamim Benatar, ambos de origem marroquina falecidos em 1879 e 1852, hoje um monumento histórico integrante do circuito turístico da cidade.

Foi então formado o Memorial Judaico de Vassouras, sob a presidência de Luiz Benyosef, que cuida da manutenção e preservação do Memorial.

Na Casa Geriátrica União, Dona Frieda passou seus últimos dias. Até recentemente ainda compareceu a reuniões da Diretoria do Memorial, e continuava se interessando pela história, lendo e escrevendo auxiliada por uma estudante.

O local abriga alguns dos últimos imigrantes ainda vivos, após tantos anos. Quis o destino que da sua janela pudesse observar todos os dias a estátua do Cristo Redentor no alto do Corcovado. A mesma que em remoto dia da década de 30 o casal Wolff viu surgir da neblina, ao adentrar o navio na Baía de Guanabara, representando a salvação que foi a de tantos outros correligionários que aportaram nesta Terra Abençoada.

Conforme vontade expressa oficializada por Dona Frieda Wolff, seu corpo foi cremado, no Crematório do Caju, no Rio de Janeiro.

*Israel Blajberg é Diretor Acadêmico do Memorial Judaico de Vassouras*

